Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

JOÃO CARLOS

Um artigo do Dr. ***FREDERICO DE MOURA***

FICOU há dias a repousar no cemitério de Ílhavo o Artista João Carlos, que depois de uma peregrinação, sempre inquieta e viva, pelos caminhos mais variados e multiformes da expressão artística, quis dormir o último sono, aconchegado carinhosamente, na terra onde nasceu e a que ficou preso por um cordão umbilical que nunca logrou cortar, pois que dele lhe vinha o sangue que vivificava toda a sua *rêverie* de criador de beleza.

Raramente se topa com quem, tanto como ele, saiba guardar no tímpano selectivo o marulho das ondas e no fundo da retina perspicaz a paisagem macia dos nossos longes de água circundados de um horizonte nítido e preciso a que um banho de luz diáfana dá vibrações estridentes de oiro.

Um ílhavo medular, João Carlos, embora afastado fisicamente, ílhavo ficou até que o último sopro se lhe esvaiu do peito, até que a última contracção muscular se alaçou a ponto de fazer cair o pincel carinhoso da mão inerte.

Impermeável, como poucos, aos ambientes estranhos em que se ia incorporando, transportou a sua origem por todos os caminhos que calcorreou sem nunca deixar que o circunstancial lhe maculasse a fisiomia espiritual específica nem que o citadino lhe poluísse, ou deformasse, os contornos marcados do temperamento. Se erguia a voz no coração do Chiado, ouvia-se Ílhavo inteiro nas suas palavras — quer na tonalidade um pouco granulosa, quer na locução inconfundível, quer, até, na motivação nuclear da conversa.

Ponham-se os curiosos à cata nos seus quadros e nos seus desenhos, que lhes não há-de ser difícil encontrar pei-

Continua na página 2

Ligeiros apontamentos sobre a ESCOLA INGLESA

Pelo Dr. ***ANTÓNIO DA ROCHA E CUNHA***

III

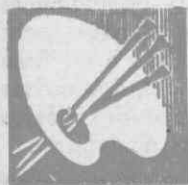
Mas voltando à educação da adolescência e juventude. Ficou-me a convicção de que grande parte das qualidades que, de forma geral, podemos apreciar nos ingleses provêm não do temperamento mas da força da educação que a criança começa a receber em casa e é desenvolvida na escola, onde o professor é sempre professor da sua disciplina, professor de inglês e, além disso, educador. Todo o professor, tenha aulas ou não, está presente na escola desde as nove da manhã até à hora do encerramento. O seu contacto com os alunos tem, portanto, de ser frequente e prolongado. Há equilíbrio nesse convívio. Não se observa uma pedagogia branda, que seria falsa, mas também não há o que podemos chamar atitude de fera.

A primeira vez que entrei numa escola inglesa, estranhei a ausência de contínuos. E tendo perguntado a causa, responderam-me que não existiam por não serem precisos. Apenas havia um funcionário que se encarregava da limpeza todas as manhãs. Quanto a ordem dentro da escola, os alunos deviam seguir as normas de conduta estabelecidas pelo regulamento. Claro que a observância dessas normas não era deixada inteiramente aos alunos. Havia todos os dias um professor encarregado de superintender nos recreios, na cantina, etc.. Durante as visitas que fiz e durante dois meses em que ensinei num liceu e numa escola primária, verifiquei que não havia nada, isto é, nada de extraordinário quanto a faltas de comportamento, tropelias ou coisa semelhante. Claro, não quero apresentar um quadro ideal, e falso portanto. Alguma coisa há-de haver nalguma ocasião, a despeito da acção dos professores. Mas, de facto, em breves visitas de horas e em dois escassos meses de

Continua na página 7

Factores biológico-estéticos na formação artística de

TOULOUSE LAUTREC (2)

pelo Dr. VÍTOR REGALA

Tivemos oportunidade de estudar e procurar conhecer o temperamento psicológico que se criou em Toulouse Lautrec, que até certo ponto se poderá resumir assim: desolação... desamor... culto pelo feio... pelo ridículo e pelo imoral. (1)

Mas, por outro lado, nota-se nele uma necessidade imperiosa de libertação.

Que irá resultar desta luta?

Como se irá comportar o Artista, na sua integridade moral e psíquica, perante tal desafio?

Recordo-me de que Cirano de Bergerac, *intelectual e poeta de raça, nunca se conseguiu libertar do forte complexo de inferioridade respeitante ao seu comprido e volumoso nariz. Pois Toulouse Lautrec acabou por se sobrepor à sua monstruosa infelicidade e conseguir uma libertação total — pelo menos em arte — procurando a todo o momento não consentir que a sua amargura cristalizasse no subconsciente, onde se encontrava sobre-saturada, chamando constantemente a atenção dos outros, e a sua também, para tudo o que o atormentava; e fazia-o sempre com uma lente de aumento, em jeito de caricatura. Procurava deste modo exagerar em si tudo o que era defeito ou vício, precisamente para esquecer o defeito ou o vício. Fez-se «dandy», porque o dandismo representava um desafio aos curiosos, exagerando os aspectos tristes da fisionomia e do corpo, precisamente para que, à força do exagero, eles aparecessem mais pequenos do que eram na realidade. Troçava mesmo dos seus defeitos, caricaturando-se sob os aspectos mais ridículos — um facto mais a favor do modo inteligente como Lautrec encarava o seu problema. Ele é sempre o primeiro a rir-se da sua própria miséria, a tal ponto que passa a caminhar nela sem constrangimento. Começa a conhecer-se e toma o hábito do seu físico. Quando tal foi atingido, não se voltará mais sobre o passado; e, neste acordo com o meio que o rodeia, encontra o seu equilíbrio, a sua paz, iniciando-se o período de libertação intelectual e moral, condicionada, como não podia deixar de ser, por tendências várias,*

←

O Trapézio Volante
Lápis de Toulouse-Lautrec
(1889)

Continua na página 2

Magno problema em vias de solução

COMO oportunamente noticiámos, a Escola Industrial e Comercial de Aveiro, por deliberação do seu Conselho Escolar, pediu a criação da Secção Preparatória para os Institutos Comerciais, alegando que, sendo Aveiro e Ílhavo núcleos populacionais densíssimos e os seus habitantes naturalmente propensos à vida marítima, com largas e brilhantes tradições na Marinha Mercante nacional, os alunos que desejam matricular-se na Escola Náutica são obrigados, após a conclusão do Ciclo Preparatório, a transferir-se para o Liceu, única via que lhes dá acesso.

Diligentemente, o Director da Escola de Aveiro voltou a insistir no mesmo pedido, alargando-o à criação das secções preparatórias para os Institutos Industriais, de maneira a que os alunos possam prosseguir nos seus estudos com vista ao ingresso nas actividades da Marinha Mercante (pilotos e maquinistas), agentes técnicos, contabilistas, professores primários, etc..

Continua na página 4

Toulouse Lautrec

Continuação da primeira página

desde o exibicionismo à vertigem, que transportou com independência absoluta à sua maneira de agir.

Posto assim o problema, com a vida diminuída e mutilada, Lautrec, ferido no mais precioso do seu ser, aceita agora essa vida como um desafio.

Deixando para trás a beleza — que não será mais nele uma necessidade para a imaginação, um estimulante da sensibilidade, mas sòmente insolência e dor — conseguiu, no entanto, transmiti-la à sua Arte como poucos — nessa Arte onde pôs toda a sua paixão de viver, todo o ardente desejo de se salvar. E, aqui, conseguiu Toulouse Lautrec uma libertação total. Acabou por ser superior à sua inferioridade, sobretudo depois de ter ultrapassado o período crítico da adolescência. Se até aí o desenho e a pintura eram para o artista um passa-tempo, daí em diante passaram a ser um refúgio, uma necessidade premente para se afirmar; um meio de iludir a sua fome de viver; uma maneira de gritar, diante dos outros e de si mesmo, a sua própria existência. Pintar é tudo o que ele agora desejá. Pintar... porque isso lhe dá prazer, talvez o único prazer grande da sua vida. Pintar... porque isso seria a melhor compensação, embora de início haja muito capricho neste desejo. Capricho e decepção, pois ele sabe que só através da pintura poderá obter o direito que tanto ambicionava: respirar entre os homens que não eram monstros.

Sabe perfeitamente que a sua dignidade, a sua verdadeira nobreza é ser pintor. *O seu trabalho será a sua reabilitação; e a impassibilidade a sua suprema distinção. E, no que respeita ao seu trabalho, é necessário que vejamos nos seus males a principal razão dos progressos decisivos; da super-excitação intelectual, de que eles são o fruto. É que só deste modo se explica o permanente e forte sentido onírico e de vertigem que se vê nele, bem como a necessidade de representar nos seus quadros aquilo que não pode atingir na vida.*

Onirismo-vertigem e representação do que lhe é *vedado, em comunhão com uma liberdade total do que se concebia em arte nessa altura, são os pontos cardeais que orientarão até ao fim a Arte de Lautrec. Arte desprovida de toda a convenção — como de toda a literatura. Na sua crueza, ela sugere graves pensamentos. É, sem dúvida, uma Arte de amargura, de febre e de impudor, mas que nunca foi ofensiva ou pornográfica, como tantas vezes foi injustamente considerada.*

No aspecto a que se refere a representação do que lhe é vedado possuir ou gozar, por antagonismo, ele adora o vigor físico, que não tinha, e a «souplesse» corporal, que não gozaria doutra maneira senão olhando-a e desenhando-a. Não há sedução que para ele seja comparável àquela dum esplêndido bruto no seu soberano da sua musculatura. Daí o amor pelos espectáculos de circo e cavalaria, onde, além da força e perfeição, ia encontrar as suas favoritas variações de luz e cor. E, realmente, foi nestes espectáculos que Toulouse Lautrec, parecendo perseguido pelas cores, e distinguindo nos verdes não se sabe que aspectos demoníacos, captou admiràvelmente, em muitos destes quadros, a angústia dos sorrisos e o inferno da alegria, em todos mostrando a sua força real, espiritual e trágica.

«La Buveuse» — Desenho de *Toulouse Lautrec (1889)*

Mas, para mim, o que mais me seduz em Toulouse Lautrec é a independência absoluta com que executou esta arte.

Na época do impressionismo, convivendo e partilhando consecutivamente esses rumos, ele nunca foi um impressionista na verdadeira acepção da palavra.

Se, por vezes, procurava fazer posar os seus modelos ao ar livre, e os enquadrava ao jeito do impressionismo, era dentre várias coisas por uma razão anti-impressionista. Fazia-o, não para ensaiar uma análise da modulação da luz, do jogo das sombras e dos reflexos, ou das aparências diversamente coloridas, que os impressionistas atribuem aos objectos nas diferentes horas e estações; mas... pelo contrário; para tentar descobrir, sob uma claridade mais directa do que no «atelier», uma luz simples e purificada dos seus elementos efémeros, de molde a que nada o prejudicasse na procura do mistério dos seres.

Além disto, a sua Arte é, desde o início, dominada pelo traço, que só mais tarde abandona, para se aplicar a trabalhar as tonalidades e os valores coloridos. Meio não sòmente inabitual nele, como desconcertante, quase artificial. Isto marca o início da instabilidade na execução, que passará a caminhar lado-a-lado com os progressos do alcoolismo, cada vez mais imoderado. O alcool começava a destruir, a pouco e pouco, o castelo maravilhoso que o corpo tinha levantado naquele espírito. Apesar disso, ainda casa à maravilha as cores, chegando a mostrar com forte potência a verdade psicológica dos seus modelos e a verdade humana das suas cenas predilectas: os «cabarets» e as casas fechadas.

Que lugar caberá a Toulouse Lautrec no consenso Universal?

Aquele, dum pintor sòmente de talento curioso, de mau talento — o talento dum ser disforme — que, à sua volta, vê tudo feio, e que exagera as fealdades da vida, assinalando-lhes todas as taras, todas as perversidades e todas as realidades?...

Ou o lugar dos que consideram todas estas qualidades negativas, como imperativo imposto à sua Arte, mas com o indiscutível benefício que tais qualidades trouxeram à obra dum homem que, se tivesse as pernas mais compridas, talvez nunca houvesse ocupado, na galeria dos mestres pintores, o lugar de que hoje disfruta?

É que não foi um homem são e válido que criou uma obra deformada — isso seria deplorável.

Foi um homem doentio e deformado que construiu um mundo de beleza, apesar da sua vida ter sido um drama, uma breve tragédia, levada ao fim com todo o conhecimento da causa. E, apesar de tudo, com uma tal discrição e um horror à piedade, que não me repugna admitir Toulouse Lautrec na galeria dos grandes.

Ele, que, da maneira mais inteligente e sadia, se soube libertar de toda a sua tragédia — libertação conseguida embora à custa de violência, que foi o sentimento que sempre o acompanhou nos seus trabalhos, nos seus prazeres, na sua vertigem.

Vítor Regala

(1) — *Litoral*, n.º 316, de 12 do corrente.

JOÃO CARLOS

Continuação da primeira página

xeiras de Ílhavo, coleantes como serpentes, nem pescadores da Costa Nova insculturados de rugas e movimentados por músculos dissecados e patentes. Catem bem, e lá toparão com o gafanhãozito olhando embevecido o seu moinho de papel da romaria da Senhora da Saúde, ou com o moliceiro equilibrista, todo inclinado a fazer com a borda do barco um ângulo de uma agudeza inverosímil.

Tem-se a impressão de que sempre que se abeirava do cavalete ou que empunhava o buril de xilógrafo lhe vinham à tona os motivos regionais — quer expressos em dedadas etnográficas, quer manifestos em pinceladas dadas com tinta da nossa paisagem. E quando não são homens ou panoramas, desfibra as pinturas ingénuas das proas dos moliceiros individualizando motivos de decoração que os seus dedos hábeis transfiguram sem perverter.

Toda a sua criação plástica é um acto de devoção pelas nossas coisas e pela nossa gente, traduzido com uma constância que, ao longo de mais de quarenta anos, não sofre uma vacilação.

Seria ingratidão que nós, aqui, à beira da mesma água que sempre lhe serviu de espelho à sua Arte, fizéssemos silêncio no momento da sua partida deste mundo; seria omissão condenável não deixar uma palavra de reconhecimento, nesta hora, a quem como Artista cerrou as pálpebras sobre uma pupila aberta em midríase escancarada para tudo o que constitui o património de beleza da nossa região.

Personalidade polimorfa e ávida, João Carlos testemunha bem a nossa maneira de ser, virada para fora, para a cor e para a luz doirada que nos bafeja, dotada de mobilidade ágil e, talvez, por vivermos intensamente pela actividade sensorial, muito sensível à cromática rica e à luminosidade esfusiante.

O homem da montanha, entaipado de muralhas negras que vão até ao céu, fixo na penha dos socos, é mais para descer à fundura das motivações; nós, que viemos ao mundo com os pés assentes na duna movediça e fizemos equilíbrios nas traves das marinhas, somos dotados de outra agilidade e corremos loucos atrás da cor, e somos atraídos pela luz por uma espécie de tropismo.

João Carlos foi bem um homem da beira mar, um homem desta beira mar, que o marcou, como Artista, de estigmas que lhe vinculam a mão a uma hipoteca total. Ele bem vestia com camisolas nazarenas uma figura masculina, bem tentava diluir numa indumentária especiosa uma sereia de canastra à cabeça, mas inutilmente, porque dentro da roupa caprichosa de desenhos e ornatos vivia gente de Ílhavo — ou tisnada e firme, ou jeitosinha e de quadris bailarinos.

Deixar-lhe a campa sem um ramalhete de flores colhidas na margem de um esteiro e refrescado de algas verdes e delicadas, não lhe escrever na terra que o cobre a divisa que adoptou, da proa de um moliceiro, com seus erros de ortografia e tudo o mais, era coisa que me custava fazer. E foi por isso que rabisquei esta nota rápida e imprecisa, sorte de vista de olhos sumária sobre a sua trajectória, nervosa e vibrátil, sobre os caminhos da expressão artística.

Certo é que sobre a sua personalidade muito mais há a dizer, mas certo é, também, que não é preciso fazer pesquisas muito fundas para lhe encontrar em tudo a que botou mão o Artista plástico que foi nuclearmente. E a gaguez do momento não deixa disponibilidades para devassas inquiridoras nas diversas facetas que informaram a sua personalidade multiforme.

Seja pois este apontamento mero vestígio de gratidão, para quem levou no lápis e na tinta da paleta e nitidez dos nossos horizontes e a cor dos nossos poentes refletidos na laguna.

E permito-me alimentar uma secreta esperança de que Ílhavo não faça esperar o preito que a sua memória merece e que poderia ser uma grande exposição do maior número possível das suas obras de Artista plástico, sem esquecer o xilógrafo tão curioso e tão original.

Creio que as terras devem mais a quem as perpetua num documentário artístico, rico e variado, como o que legou João Carlos, do que aos que lhes deixam nas praças e nas ruas chafarizes e candeeiros — chafarizes que o tempo arroteia e candeeiros que a ferrugem consome.

Quem conservou, durante uma vida inteira, um amor tão puro e tão vivo às coisas belas de uma região, quem a traduziu tão expressivamente numa obra de pintura e desenho, quem fez dela uma constante tão bem incorporada nas tintas da paleta, não merece que a morte o arquive e que os seus conterrâneos o deixem arquivar.

Vagos, 15-XI-60

Frederico de Moura

FUTEBOL

II Divisão

Campeonato Nacional

COMENTÁRIO GERAL

Na oitava jornada, venceram seis dos sete grupos visitados, pois só o Beira-Mar não tirou partido da decantada vantagem concedida aos grupos que actuam nos seus recintos, cedendo nova igualdade, no encontro com o Feirense. Como bem se acentua no matutino nortenho «O Comércio do Porto», em título de evidência, o *Beira-Mar prosseguiu no seu «festival de empates»!* O de domingo passado foi o quinto da série, em oito desafios, sendo igualmente o terceiro consentido em «casa», em quatro partidas que se realizaram até a presente data! O Feirense — herói do dia! — retirou para a sua terra com um ponto precioso, mas, assim mesmo, continua isolado no último lugar...

Deste jeito, o Beira-Mar continua postado no quarto lugar (diminuiu, mesmo, o atraso em relação ao guia...), mas, agora, acolitado de novo por por mais três concorrentes...

Dos desfechos vitoriosos do dia, o de maior interesse para a prova foi o dos conimbricenses, que impuseram nova derrota aos guias, ao passo que subiram alguns furos na tabela de pontos. O posto de *sub-leader* mudou, novamente, de dono: assim o determinou o êxito dos marinhenses sobre os vianenses (só por 1 0!), conjuntamente com o triunfo que os caldenses conquistaram diante dos boavisteiros.

Continua na página 6

no 8.º DIA

C. Branco, 2 — Gil Vicente, 1
Caldas, 2 — Boavista, 0
União, 2 — Oliveirense, 1
Beira-Mar, 3 — Feirense, 3
Torriense, 1 — Chaves, 0
Sanjoanense, 2 — Peniche, 0
Marinhense, 1 — Vianense, 0

BEIRA-MAR, 3 — FEIRENSE, 3

VOLTOU o descontentamento com o jogo de domingo passado. Mais um ponto perdido em casa, um ponto a juntar aos outros — e que pode comprometer legítimas aspirações.

Mas o que faltou à equipa do Beira-Mar no prélio com o Feirense?

Primeiro, faltou-lhe o factor sorte, a sorte que teve o antagonista na obtenção dos golos, a castigar erros duma defesa que teimava em jogar demasiado descontraída, e que só se encontrou no segundo tempo. Três golos sofridos em quarenta e cinco minutos de jogo, são um castigo demasiado severo e comprometedor para qualquer equipa que se exibe perante o seu público... No segundo tempo, se as coisas se modificaram, foi porque a disposição da equipa, especialmente a defesa, era outra. Haviam chegado à conclusão que tinham de se empregar, jogar tudo, «matar os lances» à nascença, a meio campo. E então viu-se entusiasmo, calor, força e muito querer. E, se bem nos recordamos, o Feirense só chegou, neste segundo tempo, três vezes à baliza de Violas!

Por que não jogou a defesa assim no primeiro tempo, em firmeza e aplicação?

Mesmo assim, foi ainda a sorte que desamparou os aveirenses. No momento próprio, na altura em que o Feirense contra-atacou com certo perigo, o Beira-Mar reagiu de pronto, carregou e comandou, isto ainda no primeiro tempo. E só não conseguiu um resultado expressivo por manifesta infelicidade. Houve lances e mais lances de golo feito, em que o difícil foi não marcar. E a contrariar ainda mais o resultado, estava o guardião Gonçalves numa tarde excepcional...

Num balanço geral do encontro, os aveirenses não jogaram mal. A defesa ofereceu dois brindes e jogou mal no primeiro tempo. Só Louceiro se solvou. Jurado abandonou muito a marcação e recupera mal, tardiamente. Liberal esteve incerto no primeiro tempo. Na linha média, Amândio salientou-se, e à avançada faltou-lhe um interior amador, que desse ordem e sentido ao jogo, pois tanto Diego como Laranjeira jogaram francamente mal.

Armando Coimbra

Registo do jogo

Á bitro — *Rogério Moreira.* Fiscais de linha — *Carlos Cachorreiro (bancada) e António Segadães (peão) — todos da Comissão Distrital de Braga.*

BEIRA MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Miguel, Laranjeira, Garcia, Diego e Paulino.

FEIRENSE — Gonçalves; Dinis, Licínio e Companhã; Lopes (ex Pejão) e Deste; Leite, Brandão, Rui Maia (ex-Académico), Ramalho e Silva Pereira (ex-Salgueiros).

Ao intervalo: 1-3.

Marcadores: DIEGO, aos 21 m., GARGIA, aos 52 m., e LOUCEIRO, aos 89 m., pelo Beira-Mar; e RAMALHO, aos 31 m., e RUI MAIA, aos 37 e aos 41 m., pelo Feirense.

Sugerindo uma festa justíssima

Um jovem e prestigioso desportista internacional português e aveirense, VASCO NETO DA NAIA, quando descrevia a curva ascendente na sua curta, mas já brilhante carreira na natação nacional, foi vítima de um acidente, que o traz fisicamente inferiorizado. No cumprimento do dever militar, o Vasco Naia saiu de Aveiro e do seu Beira-Mar, indo para Lisboa, onde passou a representar Os Belenenses. Na tropa, uma queda de certa gravidade atirou-o para o leito de um hospital, com fracturas no braço direito. Foi já submetido a duas operações. Mas necessita, ainda, de nova intervenção cirúrgica — para se restabelecer para a Vida (Vasco Naia era tipógrafo), e, também, para se restabelecer para o Desporto.

Rapaz humilde e de limitados recursos, Vasco Naia vê-se impossibilitado de conseguir o tratamento de que necessita. E por isso é que nos parece ser elementar dever de gratidão para com o valoroso brucista *campeão, que fulgiu no Beira-Mar e em Os Belenenses, proporcionar-lhe os meios que possam ajudá-lo a materializar a sua grande aspiração: recuperar, por inteiro, a saúde e as suas qualidades de atleta!*

Por isso, sugerimos a efectivação, nesta cidade, de um encontro de futebol entre Os Belenenses e o Beira-Mar, aproveitando-se uma das visitas ao Norte do popular Clube lisboeta, que tantas simpatias conta em Aveiro. O jogo, a efectuar numa segunda-feira de tarde, teria, certamente, plena aceitação entre o público desportivo aveirense.

E o atleta Vasco Naia, depois de totalmente recuperado, será bem capaz de conseguir novos e retumbantes êxitos, que muito nos desvanecerão e honrarão.

O LITORAL, dentro das suas possibilidades, coloca-se abertamente e incondicionalmente ao lado de Vasco Naia, certo de que terá cumprido o seu dever se conseguir prestar-lhe — na actual emergência — o benefício de que ele carece, e que é, também, serviço relevante para o Desporto.

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Das quatro partidas da penúltima jornada da primeira volta do torneio distrital, três terminaram com vitórias dos grupos visitados. Na realidade, Beira-Mar, Sangalhos e Illiabum venceram — no sábado —, e folgadamente, os antagonistas que lhe haviam sido determinados pelo calendário: Águias, Cucujães e Sanjoanense. A ronda ficou concluida no domingo, com a efectivação da partida de Esgueira, onde o Galitos, muito dificilmente, foi alcançar o seu sexto êxito consecutivo.

Desta forma, na tabela apenas há que registar-se a subida de sangalhenses e ilhavenses, pela baixa dos esgueirenses.

A tabela está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	6	6	—	—	206-132	18
Beira-Mar	6	5	—	1	243 184	16
Sangalhos	6	3	—	3	201-177	12
Illiabum	6	3	—	3	186 189	12
Esgueira	6	2	1	3	176-174	11
Cucujães	6	2	—	4	133-197	10
A'guias	6	1	1	4	154-192	9
Sanjoanense	6	1	—	5	170-212	8

A primeira volta conclui-se, hoje e amanhã, com os seguintes encontros: HOJE — *Águias-Galitos*, em Mogofores; *Sanjoanense-Sangalhos*, em S. João da Madeira; e *Beira-Mar-Cucujães*, em Aveiro (Rinque do Parque). AMANHÃ — *Esgueira-Illiobum*, em Aveiro (Campo da Alameda).

Esgueira, 23 - Galitos, 29

Á bitros: Manuel Neves e Manuel Gonçalves.

ESGUEIRA — Raul, Vinagre 2, Júlio, Américo 10, Manuel Pereira 6, Ravara 2 e César 3.

GALITOS — Albertino 1, Raul, José Fino 6, Naia 2 Luís Robalo 4, Hernâni 4 e Artur Fino 12.

1.º tempo: 8-9. 2.º tempo: 15-20.

Os esgueirenses conseguiram 9 cestas de campo e transformaram 5 lances livres em 14 tentativas. (35,071 %). E os alvi rubros obtiveram 12 cestas de campo e transformaram 5 lances livres em 11 tentativas (45,45 %).

A partida foi fraquíssima, terminando o Galitos por triunfar afortunadamente. Na verdade, se não fosse a pouca sorte manifesta dos esgueirenses na finalização, Galitos não teria vencido o encontro. Aliás, os campeões distritais, afortunados em momentos decisivos e críticos, não se apresentaram completos, tendo iniciado o jogo com um *cinco* de emergência e sem a presença do seu orientador; e, para além disto, encontravam-se numa manhã de fraquíssima inspiração.

Duas notas ainda: o marcador manteve-se em branco durante quase 9 minutos, sendo inaugurado na conversão de lances livres — pelo Esgueira, primeiro; e pelo Galitos, depois... O outro apontamento para o trabalho dos árbitros, de quem os esgueirenses têm justificadas razões de queixa...

Sangalhos, 46 - Cucujães, 22

Árbitros: Albano Baptista e António Rino.

SANGALHOS — Barros 1, Calvo, Feliciano 2, Alberto 14, Manuel Ferreira 12, Amândio 17 e Farate.

CUCUJÃES — Silvestre, Moutinho 6, João Ramalhosa 4, José António 4, Jorge 6, Bastos 2, José Luís e Costa.

1.ª parte: 18-8. 2.ª parte: 28-14.

Os sangalhenses marcaram 20 cestas de campo e transformaram 6 lances livres em 12 tentativas (50 %). E os cucujanenses marcaram 11 cestas de campo e não conseguiram transformar

Continua na página 6

De parabéns!

Depois da equipa masculina, também a turma feminina de voleibol do glorioso Sporting de Espinho se encontra de parabéns, por ter vencido — com brilho e mérito indiscutível — o respectivo Campeonato Nacional.

A presente vitória, que tanto veio ilustrar os pergaminhos do Clube espinhense, encheu de júbilo não só a simpática Costa Verde, mas ainda Aveiro e todo o Norte.

Parabéns, portanto, moços do Espinho!

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	A L A
Domingo	MODERNA
2.ª feira	AVEIRENSE
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Comemorações do Armistício

Promovidas pela Agência em Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, a que preside o sr. Capitão Manuel Lourenço da Cunha, realizaram-se na nossa cidade, na penúltima sexta-feira, dia 11, diversas cerimónias comemorativas do armistício que pôs termo à primeira Grande Guerra.

Na base do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, foram depostas diversas coroas de flores, tanto pela Agência da Liga em Aveiro como pelas unidades militares citadinas. Seguiu-se uma romagem de antigos combatentes ao Cemitério Sul, onde se cobriram com flores as campas dos Soldados da Guerra de 1914-1918 que ali repousam. Em preito de saudosa recordação, foi guardado, ali, um minuto de respeitoso silêncio.

Mais tarde, no *Restaurante Galo d'Ouro*, os antigos combatentes que residem na região aveirense reuniram-se num almoço de confraternização, durante o qual, entre outros, usaram da palavra os srs. Coronel João Pereira Tavares e Ulisses Pereira — antigos e valorosos combatentes que fizeram uma expressiva evocação, nas suas patrióticas orações.

Festa de Santa Filomena

Amanhã, na Sé Catedral, realiza-se a Festa de Santa Filomena. De manhã, pelas 11 horas, será celebrada missa solene; e, de tarde, pelas 16.30 horas, haverá sermão, ladainha e bênção.

Novos Director e Subdirector Clínicos do Hospital

Para substituir os srs. Dr. Humberto Leitão e Dr. José Couceiro, que deixaram, respectivamente, os cargos de Director e Subdirector Clínicos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, foram empossados naquelas funções os srs. Dr. Adérito Jaime Mendes Madeira e Dr. Ernesto Barros.

A cerimónia da posse, que se efectuou na noite da passada terça-feira, dia 15, foi muito concorrida, a ela assistindo, além do Provedor do Hospital, sr. João Nunes da Rocha, do Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa, sr. Dr. Fernando Calisto Moreira, e dos membros da Mesa Administrativa da Misericórdia, médicos, enfermeiros e diversos funcionários da Secretaria e de outros serviços hospitalares.

Após a leitura do auto de posse, o sr. João Nunes da Rocha usou da palavra, referindo-se, em termos de elogio e agradecimento, à acção desenvolvida pelos médicos que cessaram as suas funções directivas no Hospital. A concluir, afirmou a sua confiança aos médicos empossados, de cuja competência e espírito de cooperação muito tem o Hospital a esperar — como afirmou.

Falou, depois, o sr. Dr. Adérito Madeira, que exprimiu o seu desejo de trabalhar com carinho naquela instituição, agradecendo a confiança nele depositada e as elogiosas referências que lhe haviam sido feitas.

A encerrar a cerimónia, o sr. Dr. Fernando Moreira relevou os serviços que ao Hospital foram prestados pelos srs. drs. Humberto Leitão e José Couceiro, tendo, ainda, felicitado a Mesa da Misericórdia pela escolha dos substitutos daqueles clínicos, que saudou efusivamente.

José Mortágua

No dia 15 do corrente, a Corporação do Comércio elegeu seu Procurador à Câmara Corporativa o nosso bom amigo e devotado aveirense sr. José Ferreira da Costa Mortágua.

Os nossos parabéns, com votos das maiores felicidades no desempenho do seu novo e elevado cargo.

Novo Subdelegado do I. N. T. P.

Para substituir o sr. Dr. Luís Carneiro Leão, recentemente promovido a Delegado do I. N. T. P. e colocado no Distrito da Horta, acaba de ser nomeado Subdelegado do I. N. T. P. em Aveiro o sr. Dr. José Ferreira da Fonseca, que exercia idênticas funções em Viana do Castelo.

Os nossos cumprimentos.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 9, procedente de Safi, com 390 toneladas de gesso, demandou a barra o navio-motor *São Silvares*, e saiu, com destino ao Porto, o galeão-motor *Praia da Saúde*, em lastro.

Novo Magistrado Judicial

Na tarde de sábado último, tomou posse do cargo de Juiz do Direito do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro o sr. Dr. Silvino Alberto Vila Nova, recentemente promovido à 1.ª classe e transferido da Comarca de Vila Franca de Xira.

A posse foi conferida pelo Juiz Substituto, sr. Dr. Fernando Calisto Moreira, perante magistrados, advogados, funcionários judiciais desta Comarca e numerosos amigos do empossado.

Usaram da palavra, para saudar o sr. Dr. Vila Nova e enaltecer as suas qualidades, os srs. drs.: Fernando Moreira, Manuel Joaquim Sampaio Tinoco de Faria, Juiz Ajudante do Procurador da República; Fernando Ferreira de Sousa Sequeira, Delegado do Ministério Público; e Álvaro Neves.

Ao novo magistrado da Comarca, que vem substituir o sr. Dr. Francisco Barata dos Santos, há pouco transferido para Lisboa, desejamos as maiores felicidades no exercício das elevadas funções em que foi agora investido.

Afundou-se a traineira «Divor»

Na segunda-feira, pela manhã, saiu para a faina da pesca, juntamente com outras, a traineira «Divor», pertencente ao armador sr. João dos Santos.

Além de pescadores, iam na tripulação: o mestre sr. Joaquim Viegas de Brito, de 37 anos; o contra-mestre sr. Joaquim Artur Viegas, de 28 anos, ambos naturais de Moncarapacho (Algarve); o motorista sr. Manuel Ribau, de 55 anos, da Gafanha da Nazaré, e o seu ajudante sr. Fernando Vinagre, de 21 anos, da Figueira da Foz, num total de 37 homens.

Depois de ter feito uma saída perfeitamente normal, a traineira «Divor», quando navegava a noroeste da barra, apresentou-se, de súbito, com água aberta e começou a afocinhar.

Imediatamente o mestre sr. Joaquim de Brito tomou as providências que o caso requeria, ordenando o funcionamento das bombas de bordo. Estas, porém, mostravam-se impotentes para obstar a que o barco se alagasse cada vez mais, até que, em dado momento, uma vaga alterosa o colocou em perigo de naufrágio. Logo foram solicitados socorros e não tardaram a aproximar-se várias embarcações, que trataram de prestar a devida assistência aos homens em perigo. Dezassete deles foram recolhidos pela traineira «Rio Minho», de Peniche, de que é mestre o sr. José Martinho Fernandes; nove pela «Praia da Barra», de Aveiro, dirigida pelo mestre sr. António Migueis de Oliveira; e os restantes pela «Sever», também de Aveiro, que tem por mestre o sr. Joaquim Fernandes dos Santos — as quais se dirigiam para os pesqueiros do «mar de Espinho».

A traineira «Divor» — que se afundou minutos depois de salvos a custo os tripulantes e os apetrechos de pesca — era um dos barcos mais felizes na pesca de sardinha, somando rendimento mensal quase sempre superior às restantes. Ainda no mês de Outubro passado — que não foi muito rendoso — recolhera pescado no valor de 181 627$00, como no último número do *Litoral* se noticiou.

Concurso Público

Até ao dia 29 de Novembro corrente, está aberto concurso para operadores do quadro de reserva dos C.T.T., na Circunscrição da Beira-Litoral. As habilitações mínimas que se exigem são o 2.º Ciclo dos Liceus, ou equivalentes.

Magno problema em vias de solução

Continuação da primeira página

Tal pedido, secundado pelo Chefe do Distrito e pelo Presidente da Câmara de Aveiro, em ofícios dirigidos ao sr. Ministro da Educação Nacional, datados respectivamente de 25 e 11 de Julho último, mereceu o parecer da Junta Nacional da Educação, que abaixo transcrevemos na parte que interessa à Escola Técnica de Aveiro, o qual, ao que nos informam, logrou a aprovação do ilustre titular da Educação.

PARECER

O vasto rectângulo distrital comporta hoje, como é geralmente sabido, uma população que ronda pelo meio milhão de habitantes. Estende-se geogràficamente, da Beira Atlântico, pela laguna e pela riba, até 1 000 metros de altitude, nas serras despidas do Arestal e da Freita, e na luxuriante Buçaco. Por toda a parte florescem indústrias, algumas delas de primeira plana no panorama económico nacional e por toda a parte também, concomitantemente o comércio se desenvolve por forma a cotar o Distrito de Aveiro entre os mais progressivos de todo o País.

O surto de desenvolvimento da região aveirense, tão promissor no vasto domínio dos interesses nacionais, reclama a urgente, mas cuidada e completa, preparação de uma escola de técnicos, para cujo adestramento, precisamente foram ali criados cinco escolas industriais e comerciais e mais uma em vias de criação.

Ora, pedidos idênticos têm merecido parecer favorável desta Secção, apesar de não militarem, talvez, razões de tanta relevância como aquelas que se citam em relação à Escola de Aveiro.

O aumento de despesas que acarretaria o funcionamento das referidas secções preparatórias seria apenas de 54 000$00 correspondente ao lugar de um professor do 1.º grupo, lugar este que não existe no quadro da Escola e que, mesmo sem a existência destes novos cursos, sua criação se justificava.

Nestas condições, as 2.ª e 3.ª subsecções da 5.ª Secção da Junta Nacional da Educação emitem parecer favorável a que sejam criadas as Secções Preparatórias para os Institutos Industriais e Comerciais na Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

Criança salva de morrer afogada

Na segunda-feira, no Canal da Fonte Nova, foi vista a debater-se nas águas da Ria e já prestes a submergir-se, uma criança que, por certo, teria perecido se não tivesse a sorte de passar naquele local um jovem de 15 anos, que prontamente se lançou à Ria e a retirou para terra firme.

É que, apesar daquela zona ser bastante concorrida, ninguém tinha dado pela situação aflitiva da referida criança, de apenas 5 anos de idade. Esta, de seu nome Rui Adalberto, filho da sr.ª D. Aida da Conceição Costa e do sr. Augusto Poipa de Oliveira, proprietários de um estabelecimento do Mercado de Manuel Firmino, andava a brincar, num carrinho, perto das margens da Ria, onde caiu, por se ter desiquilibrado.

O seu salvador chama-se Manuel Ferreira Lopes, tem 15 anos de idade, como atrás se referiu, e é empregado na *Casa Paris,* que pertence a seu pai, o conhecido comerciante sr. Alberto Lopes Antão. O jovem Manuel Ferreira Lopes bem merece que as entidades competentes o galardoem devidamente, já que, a sua abnegação no salvamento de um seu semelhante lhe ia custando a própria vida. Na realidade, o Manuel Ferreira Lopes tinha acabado de almoçar momentos antes de praticar a sua benemérita acção, e, por esse motivo, houve necessidade de o transportar imediatamente para a Casa de Saúde da Vera-Cruz, para ser tratado.

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — Os srs. Cónego José Nunes Geraldo, Tenente aviador José Eugénio Ferreira da Naia Velhinho, Egas Trancoso, Eugénio Cerqueira da Encarnação e João Albuquerque.

Amanhã — As sr.as D. Emília da Silva Martins de Magalhães, esposa do sr. Comandante Guilhermino Martins de Magalhães, e D. Felismina de Magalhães Azevedo Garrido; o estudante Fernando Rodrigues Valente; e as meninas Maria de Jesus Branco dos Reis, neta do sr. João dos Reis, ausente em Luanda; e Maria Gabriela Lopes Barbosa de Magalhães, neta do sr. Doutor Barbosa de Magalhães.

Em 21 — As sr.as D. Noémia Trindade e Silva, prof.ª D. Maria Irene dos Santos Cruz, D. Maria Regina Fernandes Tavares Lebre; a menina Maria Delta Ferreira Marques; e os srs. Tenente João Baptista do Amaral Brites, Comandante da G. F., e Fernando Gil, filho do sr. Tobias dos Santos Calisto.

Em 22 — O sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix; e a estudante Maria Helena Morgado Avelino.

Em 23 — O nosso distinto colaborador Carlos Aleluia; os srs. Manuel Ferreira Leite Pais, Pedro Marques da Silva, José Moreira de Matos, Fernando Luís Marques e Carlos Augusto Correia Nóbrega e Silva, Oficial Náutico; e o menino José Manuel, filho do sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix.

Em 24 — As meninas Maria José, filha do sr. Eugénio Cerqueira da Encarnação, e Lucinda Maria, filha do sr. Dr. José da Cruz Neto; e o menino Luís de Pinho Ferreira da Maia, filho do sr. Fernando Ferreira da Maia.

Em 25 — A sr.ª D. Margarida Resende de Melo Dias; o sr. Artur Casimiro da Silva; a menina Laura Maria Simões da Silva, filha do sr. Eduardo Gomes da Silva; e o menino Hernâni Branco dos Reis, filho do sr. Adriano Amorim dos Reis, ausente em Luanda.

A «Semana da Fundação Rotária»

Quase meio milhão de rotários dos diversos clubes existentes em 116 países estão a promover comemorações especiais integradas na «Semana da Fundação Rotária». O Rotary Clube de Aveiro associa-se àquelas comemorações, dedicando-lhe a sua reunião da próxima segunda-feira, dia 21. Fará uma palestra, desenvolvendo o tema *Consciência Rotária,* o sr. Dr. José Manuel Canavarro.

•

A *Fundação Rotária* procura promover a compreensão e relações amistosas entre os povos de diferentes países. A sua actividade principal é a concessão de Bolsas de Estudo a estudantes já formados, para um ano de estudos no exterior, como embaixadores de boa-vontade do Rotary. Desde a inauguração desse programa, em 1947, como uma homenagem a Paul P. Harris, fundador do Rotary Internacional, já receberam Bolsas de Estudo da *Fundação Rotária* 1322 jovens, rapazes e raparigas de 67 países, para estudarem em 45 países, com concessões numa média de 500 dolares. O total das concessões da *Fundação Rotária* para essa actividade excede agora a 3 300 000 dolares.

As Bolsas de Estudo da *Fundação Rotária* são diferentes pois, com mais de 10 600 Rotary Clubes no Mundo inteiro, o estudante está em directo contacto com os rotários e as suas famílias, onde quer que esteja a estudar. Ele comparece a reuniões dos Rotary Clubes, visita os lares dos rotários e seus estabelecimentos de negócios e viaja, tanto quanto possível, durante os feriados escolares. Desse modo, vê, de primeira mão, como vivem as pessoas do país anfitrião e prepara o terreno para uma maior compreensão internacional — um dos principais objectivos do Rotary Internacional.

O «Bota-abaixo» do Arrastão Costeiro

Mestre Manuel Mónica

Na manhã de domingo, durante uma cerimónia simples mas altamente significativa, foi lançado à água, das carreiras dos *Estaleiros Mónica,* na Gafanha da Nazaré, o arrastão costeiro «Mestre Manuel Mónica» — nome que lhe foi dado em homenagem ao saudoso construtor naval e fundador dos estaleiros.

Assistiram ao «bota-abaixo», entre outras, as seguintes entidades oficiais: Dr. António Joaquim da Silva Lopes, Secretário do Governo Civil, em representação do Chefe do Distrito; Comandante Amândio Pires Cabral e Eng.º Coutinho de Lima, respectivamente Capitão e Director do Porto de Aveiro; Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P.; Tenente Amaral Brites, Comandante da G. F.; e Comissário Fernandes da Silva, da P. S. P.. Presentes, ainda, numerosos amigos e convidados das firmas construtora e armadora do novo barco.

Depois do Rev.º Padre Domingos Rebelo dos Santos ter procedido à benção litúrgica do navio, a menina Celeste Maria Mónica Monteiro, filha de um dos sócios da empresa e neta do saudoso Mestre Manuel Maria Mónica, quebrou contra o costado do novo arrastão a tradicional garrafa de espumante.

O «Mestre Manuel Mónica», quebradas então as amarras que o prendiam a terra, deslizou, elegantemente para as águas da Ria, aí fundeando, entre as saudações dos assistentes e os silvos de diversas embarcações surtas nas proximidades.

O novo arrastão, que vai ser matriculado em Setúbal e vai exercer a sua actividade na Zona Sul, pertence à «Sociedade de Pesca Miradouro, L.da», de Lisboa. Mede 30 m. de comprimento, 6,450 m. de boca, e 3,120 m. de pontal; tem capacidade para 30 000 toneladas de peixe; e é provido de um motor de 420 h. p., que poderá desenvolver uma velocidade de 12 nós. A sua tripulação será de 12 homens.

Pelas 13 horas, na Casa de Chá do Parque, efectou-se um almoço íntimo, a que presidiu o sr. Dr. António Joaquim da Silva Lopes. Assistiram as autoridades já referidas e diversos convidados.

Aos brindes, em primeiro lugar, usou da palavra, em nome das empresas construtora e armadora do novo e moderno arrastão, o sr. Eng.º Manuel Dias Sobral, que, a dada altura, afirmou:

— Mesmo sem olharmos a airosa proa daquela embarcação, sentimos a confortável presença daquele que, com a sua Arte, com a sua muita perícia e com uma devoção rara pelo mister que elegeu, tanta vida legou à economia pesqueira nacional — Mestre Manuel Mónica.

Ele criou e desenvolveu uma escola própria, tal como o fizeram os grandes artistas de antanho. Que o digam os seus discípulos e aqueles a quem até conferiu o diploma de «mestres construtores navais», título oficialmente reconhecido. Infelizmente — cremos que esta escola se finou com o seu «Mestre».

O barco que hoje ficou a flutuar nas serenas águas da nossa Ria não leva consigo apenas o seu nome: vai seguro pelo seu saber e santificado pelo seu diamantino coração.

Falou, depois, o sr. Dr. António Joaquim da Silva Lopes, que exaltou a acção desenvolvida pelos Estaleiros Mónica dentro da construção naval em madeira e felicitou a empresa proprietária do novo arrastão por vir valorizar a frota pesqueira nacional, com aquela moderna unidade.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA TERCEIRA PAGINA

F·U·T·E·B·O·L

Comentário Geral

A Sonjoanense voltou a vencer, encontrando-se, de momento, com oito pontos — que correspondem à média de um ponto por desafio. A «vítima» que permitiu este acerto foi o Peniche. Nos dois restantes prélios, obtiveram-se vitórias tangenciais e dificultosas, que permitiram ao Castelo Branco e ao Torriense — tal como ao Caldas — subir a pontuação igual à dos beiramarenses.

Uma nota final: ficaram em *branco*, quanto à marcação de golos, quatro clubes; conseguiram dois golos, também quatro outros clubes; enquanto outros quatro clubes se quedaram apenas num golo! Sòmente em Aveiro, ambos os contendores se adiantaram um nadinha, conseguindo qualquer deles três tentos...

Mapa da Classificação

CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	8	6	—	2	21 - 10	12
Marinhense	8	5	1	2	18 - 6	11
Boavista	8	5	—	3	19 - 13	10
Beira-Mar	8	2	5	1	14 - 12	9
C. Branco	8	3	3	2	12 - 12	9
Torriense	8	4	1	3	12 - 13	9
Caldas	8	4	1	3	13 - 14	9
Sanjoanen.	8	3	2	3	13 - 15	8
União	8	3	1	4	11 - 16	7
Chaves	8	2	3	3	11 - 17	7
G. Vicente	8	2	2	4	12 - 12	6
Peniche	8	2	2	4	9 - 15	6
Vianense	8	2	1	5	8 - 12	5
Feirense	8	1	2	5	16 - 22	4

Campeonatos Regionais

I DIVISÃO

A série de resultados que esmaltaram a jornada inicial da segunda volta do torneio máximo no Distrito proporcionou a substituição do *leader*, já que, batido em Cucujães (onde, não obstante a derrota, se cotou como melhor conjunto), o Recreio cedeu o galarim ao Sporting de Espinho, certo triunfador no recinto do outro Sporting do torneio: o da Vista Alegre. Neste encontro, os ânimos excitaram-se, havendo que condenar-se alguns excessos praticados.

Vejamos os resultados do dia: ARRIFANENSE, 1 - PEJÃO, 0; LUSITÂNIA, 3 - CESARENSE, 1; VISTA ALEGRE, 0 - ESPINHO, 2; OVARENSE, 4 - LAMAS, 1; e CUCUJÃES, 2 - RECREIO, 1.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	10	8	—	2	24 - 5	26
Recreio	10	7	1	2	22 - 11	25
Arrifanense	10	7	—	3	26 - 11	24
Ovarense	10	5	2	3	17 - 14	22
Cucujães	10	5	1	4	16 - 17	21
Lusitânia	10	4	2	4	18 - 17	20
Pejão	10	4	1	5	17 - 20	19
Lamas	10	2	1	7	14 - 21	15
V. Alegre	10	2	—	8	11 - 28	14
Cesarense	10	1	2	7	8 - 29	14

RESERVAS

Beira-Mar, 11 — Ovarense, 0

Sob arbitragem do sr. José Ferreira de Carvalho, as turmas apresentaram:

BEIRA-MAR — Teixeira; Gandarinho (Carapina), Lourenço e Carlos Alberto; Sarrazola e Hassane Aly; Carlos Júlio, Ramos, Calisto, Ramiro e Mota Veiga.

OVARENSE — Gomes; Resende, Carvalho e David; Barbosa e Sevintes; Valente, Franco, Pinto, Gomes II e Luís.

Ao intervalo: 4-0. Marcaram os tentos dos aveirenses: Sarrazola (3), Hassane Aly (2), Carlos Júlio (2), Mota Veiga (2), Ramos (1) e Calisto (1).

Os números finais dispensam comentários.

Outros resultados

Arrifanense, 5 - Lusitânia, 0; Sanjoanense, 2 - Espinho, 3; Lamas, 3 - Pejão, 0; e Estarreja, 0 - - Oliveirense, 1.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE **A**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	9	5	1	3	15-12	20
Espinho	9	5	1	3	16-17	20
Feirense	8	5	1	2	34-12	19
Sanjoanense	8	5	1	2	30-10	19
Arrifanense	9	5	—	4	21 25	19
Lusitânia	9	1	2	6	12-29	13
Pejão	8	—	2	6	5 30	10

SÉRIE **B**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	8	5	1	2	23-17	19
Beira-Mar	7	5	—	2	37-10	17
Cucujães	7	4	—	3	12 16	15
Recreio	6	4	—	2	18-13	14
Ovarense	7	1	1	5	9-27	10
Estarreja	7	1	—	6	8-24	9

JUNIORES

Beira-Mar, 1 — Ovarense, 2

Sob arbitragem do sr. António Amaro Farias, os grupos apresentaram:

BEIRA-MAR — Alfredo; Madail, Sarrico e Celestino; Gamelas e José Manuel; Albino, Virgílio, Eduardo, Martinho e Souto e Silva.

OVARENSE — Sanfins; Eduardo, Belchior e Américo; Filipe e João; Praças, Valente, Américo II, Firmino e Baptista (Correia).

Ao intervalo o marcador estava em branco, numa partida que, toda ela, foi fraquíssima.

Os vareiros, no entanto, foram os menos maus, por isso vencendo com justiça. Os golos foram apontados por PRAÇAS e CORREIA, pela Ovarense, que chegou a 2-0, e por VIRGILIO, pelo Beira-Mar, a encerrar a contagem.

Outros resultados

Oliveirense, 7 - Cucujães, 0; Feirense, 6 - Arrifanense, 0; Sanjoanense, 3 - Espinho, 0; Recreio, 3 - Anadia, 0; Estarreja, 0 - Vista-Alegre, 2.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE **A**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	7	6	—	1	37- 7	19
Oliveirense	7	6	—	1	28-12	19
Feirense	7	5	—	2	19-13	17
Espinho	7	2	1	4	8 17	12
Arrifanense	7	1	—	6	7-34	9
Cucujães	7	—	1	6	4-21	8

SÉRIE **B**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	7	4	3	—	16- 2	18
Ovarense	7	5	—	2	10- 7	17
Beira-Mar	7	3	1	3	12-12	14
Vista Alegre	7	3	1	3	8-11	14
Anadia	7	2	—	5	8-15	11
Estarreja	7	1	1	5	3-10	10

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 9.º dia

CASTELO BRANCO - CALDAS
BOAVISTA - UNIÃO
OLIVEIRENSE - BEIRA-MAR
FEIRENSE - TORRIENSE
CHAVES - SANJOANENSE
PENICHE - MARINHENSE
GIL VICENTE - VIANENSE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 11.º dia

CESARENSE - ARRIFANENSE
PEJÃO - CUCUJÃES
ESPINHO - LUSITÂNIA
LAMAS - VISTA-ALEGRE
RECREIO - OVARENSE

RESERVAS — 11.º dia

PEJÃO - ARRIFANENSE
LUSITÂNIA - SANJOANENSE
FEIRENSE - LAMAS
OVARENSE - CUCUJÃES
RECREIO - BEIRA-MAR

JUNIORES — 8.º dia

CUCUJÃES - SANJOANENSE
FEIRENSE - OLIVEIRENSE
ESPINHO - ARRIFANENSE
ANADIA - ESTARREJA
BEIRA-MAR - RECREIO
VISTA-ALEGRE - OVARENSE

— Acerte no resultado! —

Nome: ____

Morada: ____

Resultado: BEIRA-MAR____ BOAVISTA____

Semanalmente, a LOJA DAS MEIAS oferece **uma gravata** aos leitores que acertarem no resultado dos jogos realizados pelo BEIRA-MAR e, até às 19 horas de cada sábado, entregarem, devidamente preenchido o «cupon» que, em exclusivo, se publica no LITORAL.

Arrisque um palpite!

Dentre os leitores que acertarem no resultado exacto dos desafios do *BEIRA-MAR* e, devidamente preenchido, entregarem no *RESTAURANTE GALO D'OURO* o «cupon» que o LITORAL publica, em exclusivo, todas as semanas é designado — por sorteio — um concorrente que terá direito a um almoço ou jantar no referido Restaurante. Os «cupons» devem ser entregues até às 19 horas dos sábados que antecedem os jogos a que se referem.

Nome: ____

Morada: ____

Resultado: BEIRA-MAR____ BOAVISTA____

BASQUETEBOL

qualquer dos 5 lances livres de que beneficiaram.

Beira-Mar, 44 - Águias, 23

Árbitros: Manuel Neves e Carlos Neiva.

BEIRA MAR — Necas 4, Salviano 10, José Luís Pinho 6, Paroleiro 5, Rosa Novo 17, Feliciano 2, Herculano, José Luís Pimenta, Duarte e Luís Maria.

ÁGUIAS — António Baptista, Quintas, Oliveira, Albano Louro 12, Pereira 11 e Sousa.

1.ª parte: 17-11. 2.ª parte: 27 12.

O Beira-Mar conseguiu 20 cestas de campo e converteu 4 lances livres em 11 tentativas (30,77 %). E o Águias obteve 9 cestas de campo, transformando 5 cestas livres em 11 tentados (45.45 %).

Os beiramarenses venceram, tranquila e folgadamente, só não atingindo vantagem mais acentuada porque o seu orientador, a partir do meio da etapa final, alterou profundamente o xadrez da equipa. Os mogoforenses, no entanto, não deixaram nunca de replicar — sendo notável, durante toda a primeira parte do encontro, a oposição que forneceram, valorizando o desafio.

Os árbitros não tiveram problemas.

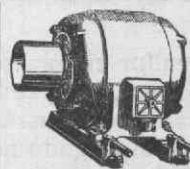
Illiabum, 45 - Sanjoanense, 35

Árbitros: Manuel Bastos e Manuel Arrojo.

ILLIABUM — Balau 2, Grilo 4, Cachim 16, Elmano 9, Jorge 8, Balseiro 2 e Matias 4.

SANJOANENSE — Tavares 4, Aureliano, Joaquim Lagoa 7, Edmundo 13, Carlos Silva 5, Armando 4, Mário e Américo 2.

1.ª parte: 24 20. 2.ª parte: 21-15.

Os ilhavenses conseguiram 19 cestas de campo e converteram 7 lances livres em 20 tentativas (35 %). Os sanjoanenses marcaram 16 cestas de campo e transformaram 3 lances livres em 17 tentados (17,64 %).

Problemas de interesse para o Lavrador

Quais os Adubos Químicos preferidos pela Vinha?

A adubação química completa dos vinhedos deve fazer-se, em geral, com uma mistura de:

25 % de sulfato de amónio
50 % de superfosfato de cálcio
25 % de sulfato de potássio

a aplicar na dose de 200 a 300 gramas por cepa.

A acção do superfosfato desenvolve-se tanto sobre terrenos alcalinos como ácidos, nos quais provoca um complexo de reacções benéficas.

O superfosfato permite obter vinhos mais alcoólicos e mais finos, torna a vinha mais resistente aos ataques dos seus inimigos, favorece o enraizamento, o desenvolvimento dos sarmentos e varas, a floração, a fecundação, a frutificação, e apressa a maturação das uvas.

O superfosfato é ainda o adubo fosfatado mais assimilável, o que tem enorme importância para a vinha. A videira absorve o ácido fosfórico ràpidamente durante o seu primeiro período de vegetação; depois, a rapidez de absorção diminui notàvelmente desde o mês de Maio, tornando-se gradualmente cada vez mais fraca. A vinha, não se alimentando senão durante um período muito curto de ácido fosfórico, deve-o, portanto, encontrar ao seu alcance, no estado fàcilmente assimilável, desde o começo da sua vegetação. O ácido fosfórico ràpidamente assimilável só pode ser fornecido pelos superfosfatos.

A videira concentra o ácido fosfórico nas suas varas mais frutíferas.

Os bons vinhos caracterizam-se pela sua grande riqueza em ácido fosfórico.

O superfosfato exerce uma influência indiscutível sobre a riqueza dos vinhos em alcool.

A adubação fosfatada da vinha é, forçosamente, a mais importante; pode igualar-se, mas não considerar-se inferior à potássica, porque a boa qualidade dos vinhos depende directamente do seu conteúdo em ácido fosfórico. Ela serve, portanto, não só para aumentar a produção, mas desenvolve acção eficaz também sobre a qualidade do produto; neste sentido é mesmo indispensável para corrigir o efeito contrário do azoto, quando se empregam adubos orgânicos.

O sulfato de amónio é, por sua vez, o adubo azotado mais recomendável em viticultura. O seu azoto amoniacal é fixado imediatamente pelo terreno, motivo porque não aumenta a concentração das soluções circulantes, e pode ser aplicado com antecedência, sem perigo de perder-se. A sua acção não é imediata, mas gradual. Da sua aplicação resultam grandes benefícios nos terrenos alcalinos, podendo empregar-se igualmente nos terrenos neutros e ácidos nas quantidades requeridas pela vinha. Só nas vinhas muito fracas deve ser substituído por adubo contendo ozoto no estado nítrico, como o Sulfonitroto de Amónio ou Nitro-Amoniacal, por exemplo.

A adubação azotada excita a vegetação e frutificação da vinha em prejuízo, porém, da qualidade do produto. Deve ser praticada, portanto, com cautela, sem excesso e nunca isoladamente, mas juntamente com a adubação fosfatada e potássica.

A adubação potássica da vinha dá sempre bons resultados e quando realizada com sulfato de potássio concorre, também, para o melhoramento da qualidade dos vinhos.

A vinha, como todas as plantas que produzem açúcar, necessita de muita potassa, a qual, nos países temperados e frescos, predomina sobre o azoto.

Além disso, na viticultura moderna baseada sobre o enxerto, o emprego das castas americanas vigorosas excita a vegetação e faz produzir uvas aquosas e mais sujeitas a alterarem-se, pelo que se torna necessário praticar adubações que não exaltem demasiadamente a vegetação, mas sim favoreçam a acumulação do açúcar na uva e a sua resistência à podridão, e para tal fim servem os sais potássicos em especial o sulfato.

Ligeiros apontamentos sobre a Escola Inglesa

Continuação da primeira página

vida escolar, de nada me pude aperceber no campo da indisciplina.

Melhor: houve uma vez um facto importante, um atentado contra todas as normas que os alunos têm de observar: dois pequenos de uma escola primária roubaram os ovos de um ninho de passarinhos. A notícia disto percorreu imediatamente toda a escola, e os dois culpados, depois de ouvirem severa reprimenda, confessaram, perante todos os companheiros, a gravidade e imoralidade do seu acto de vandalismo e a sua vergonha. E assim como se incute o culto pelos animais, da mesma forma se procura levar a criança à apreciação do encanto das flores e plantas. Recordo-me de uma escola em que o que mais me impressionou foi a beleza do jardim, que era tratado diàriamente pelos alunos. Esta atitude de carinho e respeito perante os animais e as flores é uma marca que fica a assinalar o inglês pela vida fora. Talvez seja essa atitude colectiva que dá às aves mais confiança e as torna menos fugidias perante o homem. Esse facto chamou-me sempre a atenção. E um dia sucedeu-me, excepcionalmente, o que sempre me pareceu impossível: ter como companheiro um passarito, pousado à minha mesa de café num jardim, a escasso meio metro, sem recear que eu tentasse torcer-lhe o pescoço. Da mesma forma que as aves, o cão, o gato, o cavalo, etc., são alvo do carinho geral e mesmo da protecção da lei. Ainda recentemente, segundo li num jornal, o agressor de um gato foi condenado, em Swindon, à multa de 5 libras. Contudo, de forma nenhuma se pode acusar os ingleses de serem um povo brando ou piegas.

Nas escolas, de forma geral, a limpeza nas salas de aula e em todo o edifício é cuidada a sério. Paredes riscadas, carteiras escalavradas, papéis pelo chão, não os vi senão excepcionalmente. Dá-se grande importância à ordem, ao método e ao asseio, coisas que assinalam o inglês. O ar lavado é a preocupação geral que, compreensivelmente, se nota muito mais na aldeia que na cidade. Recordo-me de que, durante breve paragem na praça de uma aldeia, um estudante da excursão em que eu tomava parte deitou para o chão uma casca de banana. E logo um dos dois ou três velhotes que tranquilamente conversavam sentados num banco, veio chamar a atenção do director da excursão para o facto da casca no chão deixar má impressão... E o nosso amigo estudante viu-se forçado a apanhá-la, embrulhá-la e guardá-la no bolso. Julgo não errar, dizendo que a aldeia inglesa é o símbolo do ar asseado que o inglês gosta de dar às suas coisas.

Outros aspectos que na escola são cultivados em alto grau e, depois, se manifestam a cada passo da vida social, são a disciplina e o respeito humano, que tanto contribuem para nos deixar a impressão de calma e lentidão, usualmente apontadas como características do povo inglês. Por princípio, o inglês parece evitar toda a atitude precipitada, próxima da violência e que contunda o próximo. Não entra no autocarro, comboio, restaurante ou lugar público de afluência, sem tomar pacientemente o seu lugar na bicha... Não há atropelos, pressas desnecessárias ou tentativas de ludibriar o próximo. Todos terão a sua vez, sem necessidade de exprimir impaciência. A primeira lição a que assisti, quanto a isto, foi dada por um carregador, mal eu pus pé em Londres, quando ele defendeu, cheio de calma e delicadeza, a minha prioridade numa bicha de centenas de metros, contra dois italianos que, por fim, tiveram de ir muito lá para trás... E' como nas discussões. Para nós, com os nossos hábitos diferentes, uma discussão entre ingleses chega a ser espectáculo digno de ver-se pelo seu estranho pitoresco, tal é a ordem, a paciência, o tom familiar e amigável e a observância do direito que os contendores têm de se fazer ouvir. Há controle, boa educação e respeito pelo adversário. A discussão entre ingleses é uma conversa. Por isso ficam muitas vezes admirados, se ouvem uma discussão entre espanhóis, por exemplo, e perguntam: «Mas por que falam tão alto se não estão zangados?» Ou: «Como é que conseguem fazer-se entender, a interromperem-se assim constantemente?» São mistérios que eles não conseguem penetrar.

Da atitude escolar descontraída e compreensiva resulta ainda o à-vontade com que cada um se apresenta e procede. A censura constante dos hábitos diferentes dos nossos, só por a eles não estarmos acostumados, o receio permanente do parece mal, a noção afiada do ridículo, não existem em geral. Cada um é como é, e assim é aceite e respeitado sem censura ou troça, desde que seja um bom elemento do grupo em que se integra. Este é o aspecto que fundamentalmente interessa na avaliação do indivíduo. E quando o indivíduo falha, o comum não é seguir-se logo uma condenação fulminante ou desatar em impropérios imediatos. Em primeiro lugar porque o inglês, assim me pareceu sempre, não se precipita em julgar. Só julga, uma vez seguro do problema, depois de possuir os dados e de os ter meditado com paciência, vagar e bom senso. Daí, também, o dar-nos por vezes a ideia de lentidão, de incapacidade de tomar uma posição rápida perante os problemas. Em segundo lugar, porque a primeira tendência do inglês é desculpar uma vez, dar nova oportunidade. Falhar é humano. Mas se a nova oportunidade não tem resultado positivo, então ele é inflexível.

Outro aspecto que me surpreendeu foi o que se refere às bibliotecas escolares. As que conheci eram razoàvelmente apetrechadas. Mas mais importante que isso (pois uma biblioteca pobre pode dar mais rendimento que uma rica) era o encorajamento à leitura e o acesso fácil aos livros. Numa escola que visitei, a biblioteca era o «laboratório» da língua materna. Nela se realizavam as aulas, e os convites à leitura e ao manuseamento dos livros eram verdadeiramente surpreendentes. Ainda que sob a orientação dum professor, eram os alunos quem pràticamente mantinha a organização da biblioteca.

Estas facilidades de contacto com o livro são depois continuadas, fora da escola, por uma densa rede de bibliotecas de empréstimo, que permitem leitura fácil e cómoda quer na biblioteca quer em casa, e por um amplo mercado permanente de livros em segunda mão, a preços baratíssimos. Ao mesmo tempo, o livro, mesmo novo, e o jornal não custam muito dinheiro. E não admira, desta forma, que a Inglaterra seja o país onde os jornais alcançam mais altas tiragens. A circulação de alguns orça pelos milhões. O inglês frequentemente não se dá por satisfeito com a leitura de menos de dois jornais. E à hora de recolher a casa, após o encerramento do comércio, repartições e fábricas, quando dezenas de milhares de pessoas se sentam nos autocarros ou nos comboios, não se vêem caras mas apenas uma verdadeira cortina de jornais que tapam quem lê.

Em poucas palavras, para me não alongar mais num assunto que parece ser interminável: da escola inglesa ficou-me gravada no espírito, acima de tudo, uma ideia de justo equilíbrio entre informação e formação, sobressaindo, no que a esta diz respeito, as relações muito humanas entre professores e alunos, o cultivo do bom senso, da disciplina e da paciência. Facto constatável é que do ambiente escolar educado, do cadinho das relações humanas estabelecidas na escola, sai o adulto dotado de notável senso, educação e equilíbrio. Não estou a fazer a apologia dos ingleses. Em vários aspectos eles podem-nos desagradar. Mas são, sem dúvida, nas qualidades básicas, uma gente altamente civilizada, como sabemos. São-no acima de tudo pelo alto nível de educação que atingiram, educação que lhes incute uma série de qualidades que os impõem, e que, parece, inspiram imediatamente os sentimentos de confiança e segurança a tantos estrangeiros, quando eles pela primeira vez se vêem metidos no torvelinho cinzento e desorientador desse mundo que é Londres. «Sim, o estrangeiro pode confiar em nós. Cabe-nos essa honra» — dizia-me um amigo, justamente orgulhoso, em conversa sobre o caso. «E — concluiu — acredite que isso é apenas um produto da nossa educação.»

António da Rocha e Cunha

Cooperativa Militar de Aveiro

Realizando-se no dia 28 do corrente, pelas 15 horas, a entrega do prédio destinado à Cooperativa Militar, a Direcção tem a honra de convidar os seus associados a assistir àquele acto, que se realiza na sala das sessões daquele prédio.

O Presidente da Direcção,
Acácio Teixeira Lopes
Capitão

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Na acção especial de justificação de ausência que Albino Rodrigues de Azevedo e esposa, Maria Palmira de Azevedo, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Cacia, desta Comarca, Maria Augusta Rodrigues de Azevedo e marido, José Monteiro, proprietários, do mesmo lugar, Manuel Rodrigues de Azevedo e esposa, Porfiria Nogueira dos Santos Azevedo, ele industrial e ela doméstica, residentes na Rua do Pereira, Angeja, Comarca de Albergaria-a-Velha e, ainda, David Rodrigues de Azevedo e esposa, Aurora Dias Alves de Azevedo, ele industrial e ela professora do Ensino Primário Oficial, residentes em Corroios, Amora, Comarca de Almada, instauraram, para justificação da ausência de Manuel Maria Rodrigues de Azevedo, que foi lavrador e residiu em Cacia, onde teve a última residência conhecida, foi proferida sentença em cinco do corrente, que transitou em julgado, julgando a acção procedente e justificada a ausência do requerido e a qualidade de sucessores dos requerentes, a quem foi deferida a sucessão para todos os efeitos e designadamente para procederem à partilha dos bens do ausente.

Aveiro, 16 de Novembro de 1960

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

O Chefe de Secção,

Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ 19 - XI - 1960 ★ N.º 317

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 28 de Outubro findo, deliberou não autorizar, de futuro, a pintura de letreiros nas paredes de estabelecimentos ou quaisquer edifícios, na área da cidade.

Só é de admitir a publicidade nas paredes por letras em relevo, ou em painéis amovíveis, quando prèviamente aprovada e autorizada pela Câmara.

Para constar, mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Aveiro, 5 de Novembro de 1960

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Crónica de Cinema...

Continuação da última página

«Western» interroga-se a si mesmo, e escolhe o caminho da renovação. É um caminho longo e doloroso, mas sincero. Em «O Comboio Apitou Três Vezes», o «sheriff» é deixado sòzinho por uma cidade acobardada e passiva perante um grupo de pistoleiros. Esse mesmo tema, talvez o mais clássico do Oeste, vem a repetir-se imensas vezes: «O Homem das Pistolas de Ouro», de Dimitrick, encara-o de novo. E também surge em «O Comboio das 3 e 10», de Delmer Daves, «O Último Comboio de Gun Hill», de Sturges, e muitos outros. Encontramos o quotidiano do «Western» em «Assim Nasce um Bravo» de Delmer Daves; o índio surge-nos finalmente reabilitado e encarado com sinceridade, como homem e não como bárbaro, em filmes como «A Lança Quebrada», de Dimitrick, e «O Último Apache», de Aldrich; debatem-se os problemas dos «clans» lançados em guerras sangrentas, irracionais e cegas, como em «Da Terra Nascem os Homens», de William Willer; chega-se mesmo ao «Western» satírico, com «O Irresistível Forasteiro», de Delmer Daves. Em suma, há uma desmistificação do «Western». O «Western» torna-se de nómada em sedentário, aburguesa-se (Manuel Villaverde Cabral, *in* «Imagem», n.º 26)

Dada esta brevíssima súmula da história do «Western», fácil é ver em que ponto discordo do articulista de «A perenidade do Western». O «Western» sempre se chamou «Western», embora este nome só se tenha popularizado em Portugal recentemente. Aquilo a que José Luís Fino de Figueiredo chama aparecimento do «Western» não se trata senão do citado movimento de consciencialização, do qual se costuma tomar como marcos iniciais «Shane» e «O Comboio Apitou Três Vezes», aquilo a que é costume chamar-se «neo-Western» ou mais habitualmente «super-Western» (designação de André Bazin no seu artigo «A evolução do «Western», publicado nos «Cahiers du Cinema», n.º 54: «Chamarei convencionalmente super-Western ao conjunto de formas que o género assumiu depois da última guerra... Digamos que o super-Western é um Western que teria vergonha de ser simplesmente um Western, que procuraria justificar a sua existência por meio de um interesse suplementar de ordem estética, sociológica, moral, psicológica, política, erótica, etc. — numa palavra, por um valor extrínseco ao género e que viria supostamente enriquecê-lo»).

Não me parece também acertada a comparação entre o expressionismo alemão e o «Western». Ao passo que o «Western» é um tipo de filmes — do mesmo modo que há filmes de guerra, poéticos, etc. — o expressionismo é uma corrente artística. Ora, todas as correntes artísticas têm um início, um apogeu e um declínio: foi o que sucedeu com o romantismo, o realismo e no presente o neo-realismo italiano. Mas os tipos de filmes nada têm a ver com as correntes artísticas. Podemos considerar «Assim Nasce um Bravo» como um «Western» neo-realista, do mesmo modo como podemos considerar «Shane» como um «Western» realista. Seguindo esta mesma linha do pensamento, é de ver-se que não concordo com a razão de ser da perenidade do «Western» apresentada no citado artigo: a evasão, a fuga ao quotidiano. Isso poderá ser a razão de ser da perenidade do «Western» clássico: a evasão para um mundo onde o herói é o melhor de todos em tudo. A perenidade do «Western» deve-se à sua evolução para um campo onde atingiu a categoria de arte, debatendo problemas humanos, mostrando o homem que construiu o complexo fenómeno que hoje constituem os Estados Unidos da América. A perenidade do «Western» deve-se pois, na minha opinião, à sua tomada de consciência. Shane não é um D. Quixote; parece-me mesmo a sua antítese. D. Quixote procura aventuras, Shane foge delas. D. Quixote é o símbolo de uma cavalaria cavalheiresca e um pouco ridícula, que procura defender os oprimidos e lutar contra os maus: Shane é o símbolo do homem de passado negro que não consegue fugir a ele. D. Quixote tem a paz e quer a aventura; Shane tem a aventura e quer a paz. Um único ponto de contacto: nenhum dos dois alcança o que pretende.

São estes os pontos em que discordo essencialmente de si, Fino de Figueiredo. Se errei, peço desculpa: é assim que eu penso, contudo. E apenas duas palavras a terminar: não me parece muito acertada a sua escolha de «O Último Comboio de Gun Hill» como representante do novo tipo de «Western». Neste tipo predomina a sinceridade e a verdade. Ora o filme citado é tremendamente fraco num ponto: no facto da índia morta e violada ser mulher do «sheriff». Parece que Sturges teve medo de encarar de frente o racismo e arranjou um subterfúgio sentimental para a compreensão do problema. Não é, pois, uma atitude muito honesta intelectualmente. Para o filme ser totalmente válido, a índia não devia ser mulher do «sheriff»... Assim, quando o pai do assassino diz «Que interessa isso? Era apenas uma índia», o «sheriff», em vez de responder como o fez «Era minha mulher» responderia, muito mais vàlidamente, «Era uma Mulher».

Emídio Fernandes

Junta Distrital de Aveiro

Tendo em vista a competência que me confere o n.º 1.º do artigo 320.º do Código Administrativo e de conformidade com o disposto no artigo 297.º daquele diploma, convoco, para os fins consignados na segunda parte do § 3.º do mesmo artigo, o Conselho do Distrito para a sessão ordinária a realizar no dia 6 de Dezembro próximo, pelas 15 horas, com a seguinte ordem do dia:

a) Dar parecer sobre o plano de actividade da Junta, e votar as bases do orçamento, para 1961;

b) Aprovação das deliberações desta Junta Distrital, respeitantes à alienação de uma parcela de terreno à Câmara Municipal do concelho sede deste distrito, para abertura de uma Rua paralela à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e de três lotes de terreno para construções particulares naquela artéria.

Junta Distrital de Aveiro, 14 de Novembro de 1960

O Presidente da Junta,

Dr. António Rodrigues

Cadernos de Viagem

Continuação da última página

bornos dos guardas fiscais, e as angústias duma fuga em grande estilo, enfim, os perigos do espírito mercantil do portuguesinho — a todo o custo. E passávamos das mulheres comerciantes do porto de S. John's para as frias e enigmáticas habitantes das zonas gelados. E finalmente os próprios desabafos duma campanha sem resultados.

«Agora só os arrastões. Só uma organização em termos. A pesca à linha foi chão que deu uvas».

Sucediam-se silêncios, porque as minhas perguntas ficavam perdidas, já que os seus ouvidos nem sempre colaboravam. Finalmente, e antes da última campanha, ele prometeu-me:

«Desta vez vou trazer-lhe um pacote de cigarros estrangeiros, anh? Daqueles que cá custam uma fortuna. Compro-lhos à ida, em S. John's.»

. . . .

Mas os lugres vieram — só o meu amigo Rebelo não apareceu ainda. Visitou-me hoje sua mulher, toda de luto com os filhitos descalços atrás dela. Nem lhe perguntei pelo marido.

«O meu home lá ficou, coitadinho...» — Começou a chorar e, desembrulhando o xaile, ia dizendo: «Trouxeram-me as coisas dele. Vinha lá isto, que é p'ra vocemecê».

E entregou-me o pacote dos maços de cigarros...

Pereira da Silva

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que, por escritura de 5 de Novembro corrente, exarada de folhas 19 a folhas 20 v.º do livro próprio n.º 87-B, deste Cartório, Maria Emília de Castro Ramos, casada, doméstica, Aníbal Manuel de Castro Ramos, casado, comerciante e Maria Adelaide de Castro Ramos, solteira, menor emancipada, doméstica, todos moradores em Aveiro, foram habilitados como únicos herdeiros de seu pai, Aníbal Ramos. Este, natural da freguesia de Santa Maria, do Concelho de Celorico da Beira, filho de Luís Ramos e de Maria Emília, faleceu na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, no dia 20 de Março de 1960.

Vai conforme o original.

Aveiro, 11 de Novembro de 1960

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SIDERURGIA NACIONAL — LAMINAGEM

No edifício da Laminagem, que, com os seus 600 metros de comprimento, representa a maior área coberta do País, procede-se activamente à instalação da maquinaria que transformará o primeiro aço português em produtos acabados

Væ victis!

PÁGINA DOS JOVENS AVEIRENSES

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Cadernos de Viagem

por

PEREIRA DA SILVA

Regressaram os lugres da Terra Nova e o meu amigo Rebelo não veio visitar-me. Surpreendido embora, tenho-o esperado todos os dias, porque é um homem de boa-fé. Cheguei mesmo a pensar que talvez não tenha conseguido passar o pacote de tabaco estrangeiro que me prometeu, mas, que diabo, isso não é causa. Ele sabia que eu confiava em absoluto na sua palavra e, além disso, o facto em nada buliria com a nossa já velha amizade.

O meu amigo Rebelo era pescador. Surgiu-me, há anos, e por artes da vida quotidiana que a todos os momentos nos aproxima de toda a espécie de gentes, sensações e problemas. Soube que ele acabava de regressar dos mares do Norte. Eu vivia no início do período adolescente, e a curiosidade infantil ainda não tinha dado lugar à reserva desconfiada e temerosa dos anos sucessores. De maneira que foi um ataque ininterrupto de perguntas, rebuscadas na literatura juvenil dos Robisons e dos Capitães Fracassos, de Fernão Mendes Pinto e dos descobridores, das proezas históricas no mar, que continuavam agora nas campanhas bacalhoeiras. É que para mim, os nossos pescadores eram os melhores do mundo, pescavam mais que todos os outros, viviam no mar por vocação e por espírito de aventura — longe de todo e qualquer sonho material...

Infantilidades.

«Aquilo é uma vida dos diabos» — dizia-me. «Eu não digo que deixo de embarcar, pela simples razão de que me sinto inseguro com os pés em terra. Mas algum dia isso acontecerá».

Pouco a pouco, ia-me desiludindo. Mas com arte, com humanidade, e, enquanto me recordava passos da sua vida no alto mar, parecia-me vê-lo descer para o seu dóri, receber uma ordem de cima, acenar com a mão um adeus sempre enigmático e partir para o nevoeiro. E sofria com as suas angústias, e esperava a todo o instante a narrativa épica duma viagem em mares perdidos dos fins do mundo.

Sofria um pouco dos ouvidos — julgo que atordoado pela eterna e sempre igual ronronice dos oceanos. Contava-me as suas proezas nos portos do caminho, os contrabandos no cais de S. John's, as perseguições dos guardas fiscais e o primeiro encontro com as mulheres pálidas, «chinesas», das regiões frias e alaskianas do Norte.

«Feias como bodes, mas atiradiças como raios».

Um dia apareceu-me com a família. A mulher, simples e inculta, mas totalmente dominada por ele, trazia um filho ao colo e dois pela mão. Usava óculos de aro fino e uma expressão sempre patética no rosto. O marido, o meu amigo Rebelo, tratava-a sempre com carinho, às vezes ríspido, mas compreensivo. Só nas relações da mãe com os filhos é que ele não contemporizava:

«Tem cautela com os filhinhos, mulher, porque senão esg̃ço-te».

Todos os anos aparecia mais duro do ouvido. E, a par da contínua robustez física, ia-lhe notando um certo embrutecimento moral. Os olhos francos e bondosos vagueavam incertos.

«Vida de cão, esta. A gente estoira-se p'ra nada. Já viu a safra deste ano?»

Que eram coisas que aconteciam — ripostava-lhe eu. Que me contasse passos das viagens, que as tinha sempre novas e diferentes. E, pouco a pouco, o meu amigo Rebelo entusiasmava-se, e lá vinham as suas aventuras de garrafas de brandy barato trocadas por óptimas máquinas fotográficas, por dollars cantantes, e os su-

Continua na página 9

HOMEM DO MAR Foto de **ORTIZ ECHAGUE**

Crónicas da Vida

O IMPORTANTE

O IMPORTANTE é um fanático. E do seu fanatismo faz a vida quotidiana, que decorre num desiquilíbrio manifesto de aspecto e maneiras. O aspecto é vulgar, direi mesmo vulgaríssimo; as maneiras, porém, parecem dum «gentleman». Parecem, mas não são. Debaixo daquele corpo grosseiro (duma rudeza que estamos habituados a ver nos trabalhadores boçais) está um cérebro que procura dar ao corpo, em maneiras, um aspecto que não tem.

O seu emprego, regra geral, é modesto. E isso porque o seu pouco saber, a sua cultura rudimentar, que nunca aperfeiçoou devido à preguiça, não lhe dão possibilidades a altas aspirações.

Nesse emprego, para os superiores é dum servilismo manifesto, nas atitudes e na voz, melodiosamente cheias de timbres e requebros adulatórios. Para os inferiores, se os tem, ou para as pessoas com quem tem de lidar, é o indivíduo mais importante do mundo.

Eis um diálogo típico entre um *senhor importante* e um outro indivíduo que teve, infelizmente, de recorrer a ele.

SENHOR IMPORTANTE — *Não posso, de maneira nenhuma, aceitar* isto *que o senhor preencheu. Não está correcto. Faça o favor de ter mais cuidado para a próxima vez.*

O OUTRO INDIVÍDUO — *Mas, então, não me poderia dizer como devo preencher e onde está errado?*

SENHOR IMPORTANTE — (ofendido) *Faça o favor de ler as instruções do verso que não se enganará.* (alterado) *Mas se se enganar terá de preencher até ficar bem. Só aceito quando estiver em condições.*

É claro que, com boa vontade, o *senhor importante* teria aceitado o impresso, onde talvez não faltasse mais que uma simples vírgula... Aliás, o seu lugar não lhe permitia sequer tamanha autoridade.

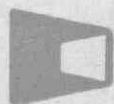
É típico, em cada organização, encontrar-se um *senhor importante.* É espécie devidamente organizada e já catalogada nos vários ficheiros dum museu mundial, para consulta... (fica agora catalogada nestas páginas.) Infelizmente, no fim da ficha, em letras vermelhas — e maiúsculas —, encontra-se este averbamento:

— COM TENDÊNCIA A ALASTRAR...

Jaime Borges

Crónica de Cinema

Algumas considerações sobre o WESTERN

POR EMÍDIO FERNANDES

Com o título «A perenidade do Western» publicou José Luís Fino de Figueiredo, na página «Væ Victis!» que saiu no número 313 do *Litoral*, em 22 de Outubro findo, um artigo onde faz certas afirmações que me parecem não totalmente correctas. Assim, resolvi vir aqui trocar algumas ideias a esse respeito, a fim de esclarecer esses pontos.

O «Western» nasceu, há muito tempo, com o filme «O Roubo do Comboio». Os seus primeiros tempos pouco têm a dizer. Os seus filmes eram encarados pura e simplesmente como divertimento e feitos exclusivamente com tal fim. Com o advento do sonoro, o «Western» tinha contudo atingido um certo nível. Se chamarmos a este período de antes da guerra o classicismo do «Western», podemos indicar como sua obra prima, no conteúdo e na forma, o célebre filme de John Ford «Stagecoach», que em Português recebeu o título de «Cavalgada Heróica». Já nesse tempo vamos encontrar nas fileiros dos seus realizadores nomes ilustres da história do cinema, tais como o citado Ford, William Wyler (citemos por exemplo «O Cavaleiro Solitário», 1940), Fritz Lang («O Regresso de Frank James», 1940, «Man hunt», 1941), Georges Marshall («Destry rides again», 1939) etc..

Com a guerra, o «Western», sofre uma revolução. A princípio, essa revolução é silenciosa e insidiosa. Surge em filmes como «A Terra dos Homens Perdidos», de Howard Hughes, 1943, onde contudo a presença de June Russel introduz um factor erótico forte demais. O «Western» começa a consciencializar-se. Mas na realidade os primeiros filmes onde essa revolução se torna bem patente, onde o «Western» atinge categoria de Arte, onde os problemas humanos surgem substituindo a paisagem e as cavalgadas são «Shane», de Georges Stevens, e «O Comboio Apitou Três Vezes», de Fred Zinneman. Encaramos finalmente o homem e não a paisagem, o seu interior, os seus problemas, os seus dramas, a sua vida. O homem substitui a pradaria: é ele agora a paisagem. Surge finalmente a mulher — não a abonecada filha do patrão mas a companheira do homem que desbrava aquela terra rude e dura. Em «Shane», um pistoleiro pretende abandonar a sua vida errante e aventurosa para se tornar um homem normal. Mas o mundo rejeita-o, obriga-o a voltar à sua profissão. Não se pode renunciar ao passado. O herói deixou de ser um «sir» Galaaz puro e imaculado e tornou-se um homem, com todos os seus defeitos e qualidades. Esse mesmo ponto é aflorado muito posteriormente por Anthony Mann no seu «O Homem do Oeste», 1958, em que o herói é um antigo bandoleiro com um passado cheio de assassinatos e crimes. O

Continua na página 9

Ex.mo Sr.

João Sarabando

AVEIRO